

## DISPOSIÇÕES DA NEGAÇÃO

Luísa Soares Opitz

Faculdade de Ciências Sociais  
e Humanas - Universidade Nova  
de Lisboa

Assim à primeira vista, falar em disposições da negação poderia ser encarado como um abuso linguístico ou simplesmente abuso de confiança.

Abuso de confiança, porque nada autoriza, para já, a negação na posição de sujeito, bem ou mal humorado e bem ou mal intencionado. Mas nada nos impede, no entanto, de suspeitar que, sujeito ou não, a negação pode pôr e dispor.

Por outro lado, abuso linguístico, por se estar a utilizar os bons ofícios da nominalização em geral e os da formação de um grupo sintagmático em particular afinal para fazer pender para um não-unívoco sentido de leitura aquilo que é objecto de discurso (e ainda por cima a negação).

Admitamos agora, para fechar este parêntese sobre a aparente inadvertência do título (que só por si podia ser motivo de comunicação) que este, obedecendo a um jogo de palavras

permitido pela organização sintagmática e pelo sistema relacional dos termos lexicais em causa, pretende simultaneamente introduzir e resumir dois pontos de vista essenciais e que conviria não ver dissociados:

- 1) um ponto de vista epistemológico que diria respeito às orientações linguístico-filosóficas a que tem estado sujeita a negação;
- 2) um ponto de vista linguístico, na medida em que passa a ser observada a organização frásica e discursiva ligada à negação.

Parece-nos que os equívocos a que se tem prestado o próprio termo de negação aumenta a oportunidade de não alhear um do outro os pontos de vista citados, mas o nosso interesse aqui vai sobretudo recair em configurações textuais dominadas pela negação.

Amplamente reconhecida a inoperância da lógica proposicional para o tratamento da verdade semântico-pragmática, a observação linguística tem permitido a eliminação da oposição radical entre verdadeiro e falso e conduzido a lidar com noções como "mundos possíveis", "sémantisme flou", que procuram estar mais perto da referência linguístico-textual.

Por outro lado, noções como as de "gradientes", "fronteiras", "escalas", "domínios nocionais" não só remetem para o estudo conjunto de processos linguísticos antes vistos separadamente pela gramática tradicional, como tentam traduzir relações estabelecidas entre negação/quantificação e entre negação e argumentação.

E pois neste contexto - a par da investigação sobre psicologia genética, cognição, processos de aprendizagem em que

o(s) fenómeno(s) da negação são particularmente visados - que a negação soberanamente se afirma como forma de estar - linguística - desafiando assim aqueles velhos (e alguns não confessados) temores que a impunham ao silêncio quando se tratava de sonegar o paradoxo de um pensamento que se manifestaria pela negação...

Se com a observação da realidade linguística actualmente se pretende fazer cair a ilusão da auto-suficiência, chamemos-lhes assim, de ancestrais binarismos (verdadeiro/falso, afirmativo/negativo) para correctamente serem demonstradas as confusões a eles ligadas, não deixa no entanto de ficar preservada a amplitude primária (primária, no seu sentido forte, psicanalítico, pelo menos) desses mesmos binarismos, resistentes não só 'a priori' mas 'a fortiori'; ao mesmo tempo pois que se lhes reconhece a insuficiência de, por si só, não registarem a finura dos mecanismos linguísticos e estratégias discursivas em curso...

Se é corrente considerar agora que a prática dialógica se suporta dos "papeis" (funções) imaginários de que se investem os intervenientes, é também posta como primordial a negação nas relações entre saber e verdade, passando estas pela argumentação.

Por outro lado, e no que diz respeito à argumentação em particular, parece pertinente não pôr de lado o que sugere Molino (1988)<sup>1</sup>:

"Il convient de lier une phrase à son contexte: réparties successives d'un dialogue, mais aussi schèmes dans lesquels le foyer de la négation est donné par l'ensemble de l'énoncé"

Ora o acento posto em "schèmes" a que acrescentarei esquemas argumentativos<sup>2</sup> vem proporcionar mais uma razão forte para as anunciadas disposições da negação.

Por outro lado, a curiosidade pelas relações entre saber, verdade e negação, que também me tem vindo a ocupar, não é alheia à escolha de textos de literatura oral ou tradicional, por constituírem, se bem atentarmos neles, um conjunto precioso de unidades comparáveis (apesar de algumas contingências) onde a mostração linguística se desdobra às vezes subtilmente em mostração meta-linguística.

Começemos pelo conto "Os dois mentirosos", que reproduzi na comunicação do anterior encontro da A.P.L. e de que retomarei dois enunciados que ilustram, para além do mais, uma forma curiosa de negação como **acto indirecto**.

Quando um dos irmãos pregadores de mentiras anuncia "em tal terra acaba de nascer um menino com sete braços", tão maravilhosa notícia irá ser confirmada anonimamente pelo outro irmão para acalmar a incredulidade de alguns. Mas como veremos pela réplica seguinte não se tratará de confirmar a verdade de um facto em termos de acumulação de um 'sim' à pergunta "tu vis te?". Decididamente, não chega, para convencer, a adição de um 'sim' mesmo se vinda de uma terceira pessoa quando este sim é passível de imediata e sistemática refutação, por maior que seja o número de sujeitos confirmantes.

Então o que se passa no conto é que à pergunta de se é verdade o que foi dito como novidade, o outro irmão responde: "eu não vi o menino com sete braços, mas vi uma camisa que tinha sete mangas".

Inverosímil num outro universo discursivo (e aliás inverosímil no próprio universo discursivo da instância narrativa - e bastaria o próprio epíteto de 'mentiroso' para o confirmar), a maravilha da novidade para o povo enganado é vista como verdadeira. E isso porque o "dictum" que suporta a relação

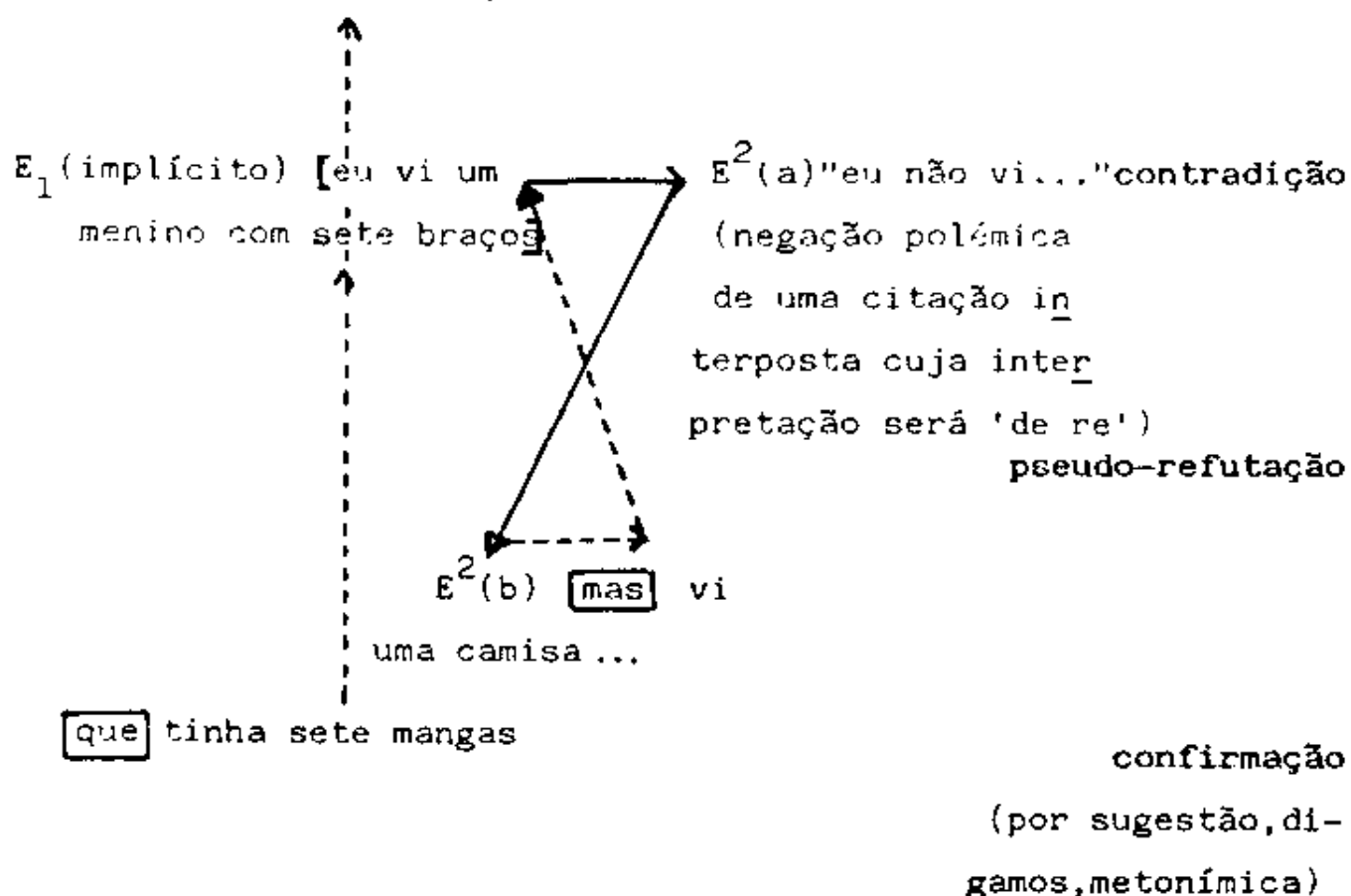
dialógica a três vem desdobrado em dois: isto é, em objecto de dizer e em objecto de comunicar, desdobramento enfim que recobre o desejo de ver.

Analisemos agora de mais perto a réplica que, por indirectamente significada, mais directamente ou contra-dictoriamente, faz ver.

A réplica "eu não vi um menino com sete braços, mas vi uma camisa a secar que tinha sete mangas" assume, através do esquema argumentativo /não p, mas p<sup>1</sup>/ (em que p<sup>1</sup> é um elemento indicial do objecto representado por p) uma forma específica do que consideramos genericamente como contra-dição.

Se, integrado o enunciado "eu não vi mas vi uma camisa a secar que tinha sete mangas" em contexto de "discours rapporté" (discurso relatado), pode-se melhor ver justificado o 'que' de "que tinha sete mangas", (na sequência imediata do conector argumentativo-opositivo 'mas') como introdutor forte do termo focalizado; o valor a atribuir ao pronome relativo seria então simultaneamente explicativo e meta-discursivo. Sendo assim, "que tinha sete mangas", parafraseável (melhor talvez até interpretável) em 'sete mangas era o que tinha a camisa a secar que eu vi', marcaria deste modo a sua correspondência dialógica meta-discursiva com um conjunto sintagmático "um menino com sete braços" pertencente a um enunciador cujo 'produto' enunciativo deve ser objecto simultâneo de "contradição", pseudo-refutação e confirmação.

E<sup>1</sup> "acaba de nascer um  
menino com sete braços"



Assim esta forma de refutação-confirmação, por intermédio de uma relação existencial e argumentativamente bem sucedida e bem construída (constituindo um exemplo ideal da "felicidade" do acto de fala circunscrito a um universo discursivo tipificado) cria a verdade de dois factos maravilhosos, criada que foi e era assim a sua própria e recíproca verosimilhança.

É que uma unidade discursiva, que também é meta-discursiva, aponta para uma verdade indicial, que também ela pode ser mentira, mas que funcionando como prova de verdade, funciona 'ipso facto' como contra-prova do que poderia ser mentira.

O argumento introduzido por 'mas' faz não só uso de

uma orientação argumentativa que aponta para uma conclusão a ser construída por quem duvida, como introduz uma "inferência" indirecta com um indício que constrói os valores referenciais para os que precisam ou querem crer na verdade dos factos. Indício esse que traduz simultâneamente o conhecimento de um facto da realidade quotidiana e que pode/deve ser visto como objecto de não-gratuidade referencial. Para isso ter-se-á de tomar em linha de conta a existência (extra-linguística) de um objecto (camisa a secar) inserido num contexto vivencial muito próximo (e pobre), que mesmo a ser de sete mangas não podia ser visto essencialmente como objecto de luxo, lazer ou arte, mas de uso. O que nos faz pensar numa forma possível (e textualmente geradora) de revestir maravilhosamente o trivial ou o inverso.

Como se pode verificar, as disposições da negação textual têm muito a dizer-nos. Mas já a própria inexistência de marca ou morfema negativo num simples enunciado como "obrigado" (e o mesmo se passa noutras línguas) tem o seu interesse. "Obrigado" que tanto pode querer dizer 'quero', 'não quero', 'não tenho razão nenhuma para te dizer obrigado', etc., e isso conforme o contexto e a curva melódica que o acompanha, revela aquela distinção entre negação semântica e negação pragmática (com a parte de ambiguidade que também lhe cabe) que vai ajudando a desfazer alguns daqueles equívocos (ligados à negação), de que falava no início.

Notadas também têm sido outras disposições da negação, por exemplo no aspecto de dissimetria entre frases afirmativas e negativas; bastaria a este propósito pensar, como já notou Culioli, na existência de expressões como "ce n'est pas la peine"<sup>3</sup> que não tem equivalente na forma afirmativa. Lembraria também, e justificando aquela "sensibilidade negativa" de que

falava J. Molino no artigo citado, verbos como imaginar, veja-se só o que está implicado, distribucional e contextualmente em "você imagina" e "você não imagina" e na dissimetria inerente a este falso "par". No caso da forma negativa, e para imaginarem já algumas disposições, cite-se Camilo descompondo Alexandre da Conceição : "Dispensó-o da sintaxe, da prosódia, dispensó-o até da ortografia; mas não o isento de vestir luvas quando escrever. Não imagina a influência das luvas nas duas mãos do escritor, ou nas quatro, conforme a sua espécie (...)"<sup>4</sup>.

Voltemos, no entanto, às configurações textuais e aos contos populares para, abandonando o morfema "não", nos voltarmos muito rapidamente para o morfema "nada".

No conto "Origem do milho"<sup>5</sup> o diálogo entre o Senhor e S. Pedro é a vários títulos revelador. Que dizer, por exemplo, do enunciado meta-discursivo e da reflexão meta-linguística a ele ligado em "Então para que é que lhe foste lá dizer que não se colhia nada? Eu disse-te isso? O que eu disse foi que se não colhia nada, à proporção".

Este "nada à proporção" retomando o dito "coitadinho de quem deitar alguma coisa à terra" reflecte maravilhosamente não só a interpretação 'de re' que o enunciador pretende inculcar (talvez mesmo um tanto 'ad hoc'; o engano é sempre possível...), como uma sabedoria meta-linguística popular que não desmerece a mais fina percepção de gradações linguísticas. Afinal o equívoco em que caíra S. Pedro, bem intencionado, vinha só <sup>★</sup>tomar a peito, ou melhor, considerar manifestamente expressa (dado o "coitadinho" e a exclamação) uma negação implícita num acto indirecto de "injonction" ("ordem") e de tomar à letra



retrospectivamente, em sentido forte e não relativo, a negação expressa pelo Senhor, negação só mesmo etimologicamente forte.

Se o mal-entendido é próprio da conversação em geral, e isso logo na primeira pessoa, há casos que pertencendo à conversação em sentido muito restrito deixam logo marcada a prevenção contra quaisquer mal-entendidos. Se não vejamos este anúncio de "A Capital" de 26/1/84.

"Cavalheiro de 42 anos e 1,70, honesto, casado, residente no Laranjeiro, gostaria conhecer senhora de bom coração para uma amizade pura. posso dar tudo menos ajuda financeira. Resposta com telefone se puder. Av. Liberdade, 266, ao nº 107."

Uma coisa não se pode negar: cavalheiro era, à proporção. E enfim, o próprio carácter dialógico de "tudo menos" (lá está o sujeito na primeira pessoa a ditá-lo, irrompendo num pequeno anúncio, só primeira e aparentemente impessoal) deixa aberta à consideração de todos aquela bem verdadeira flutuação -imaginária- do possível de que a negação se serve bem.

## NOTAS

1. "Promenade au pays de la négation", in Actes du Colloque La Négation. La Négation sous divers aspects. Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel n°56, p.115.

Para melhor entendimento da citação, anote-se o que o autor considera ser o "foyer" da negação: "La négation a, dans l'usage normal du langage, un "foyer" (focus), un terme sur lequel elle porte et qui correspond à une hierarchie particulière de construction de la proposition. Dans les phrases

1) Je ne mange pas

2) Je ne mange pas de pommes

la négation porte d'abord sur le verbe, puis sur le complément d'objet direct." (p.114).

2. Com o termo de "esquema argumentativo" pretendo, desde a criação da cadeira de Análise do Discurso, designar modelos de organização textual determinada por marcadores discursivos (não só aliás conectores e operadores tal como Moeschler os distingue) Esquemas esses que levam por vezes a manifestar regularidades na distribuição de unidades textuais.

3. Citado por Kawaguchi Imiji, 1988, "A propos de "p-koto-wanai Expression de la justification niée en japonais", Linguistique Japonaise, vol.2, Era 642. Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris VII, p.48.

4. "Modelo de Polémica Portuguesa", As Polémicas de Camilo-II, Lisboa, Coleção Portugália, 1964, p.264.

5. Cf. texto em anexo reproduzido em Contos Tradicionais Portugueses, Lisboa, Iniciativas Editoriais, s.d., pp.299-300.

## ANEXO

### ORIGEM DO MILHO

Dantes não havia milho

Um dia o Senhor disse a S. Pedro

— Ai que ano desgraçado que vamos a ter este ano!  
Coitadinho de quem deitar alguma coisa à terra!

E S. Pedro, que ouviu aquilo, foi contar a um compadre que tinha, que era muito querido.

E o compadre não semeou nada. Não semeou nada, coitadinho, e ao depois veio o tempo das colheitas, os outros arrecolheram alguma coisa e ele nada.

Ele a chorar, a lamentar a sua desgraça

— Vossemecê vir-me dizer uma coisa dessas!

Os outros sempre colheram alguma coisa e eu.

S. Pedro foi ter com o Senhor

— Ai, meu Divino Mestre, o pobre do meu compadre não arrecolheu nada!

— Então para que é que lhe foste lá dizer que se não colhia *nada*? Eu disse-te isso? O que eu disse foi que se não colhia nada, à proporção. Então para que foste lá dizer? Bom, mas em vista disso vai dizer ao teu compadre que vá à ribeira e que joeire a areia que lhe pareça que dá prós gastos da sua casa.

E ele assim fez. Foi joeirar a areia. Os moios que ele entendeu que podia gastar de pão, joeirou de areia.

Depois o senhor foi, deitou-lhe a sua abênção — ficou em milho.

Depois o Senhor disse-lhe que todos haviam de querer trocar o trigo. E assim foi. Os outros lavradores assim que viram o milho, ainda não tinham visto, todos a quererem trocar. E trocaram-lhe tudo, os moios todos a trigo.

Foi assim que começou a haver milho. E tanto é, que o milho só se dá nas terras frescas e areentas, e a farinha é sempre areísca

*— Maria da Conceição Torres*